

FORMAÇÃO DOCENTE NA CONTEMPORANEIDADE: DESAFIOS E CONTRADIÇÕES

TEACHER TRAINING IN CONTEMPORARY TIMES: CHALLENGES AND CONTRADICTIONS



ANA CAROLINA GRACIOLLI

Graduação em Pedagogia pela Universidade Metodista de São Paulo (2011), Especialização em Alfabetização e Letramento (2015).

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar como é fácil notar como a vida mudou, a velocidade dos acontecimentos e os avanços tecnológicos mudaram o cenário mundial. Com a educação não seria diferente. Os papéis do professor e da escola também estão se modificando a fim de atender estas novas necessidades. Estamos vivendo outros tempos, nem melhores nem piores, apenas diferentes. As pesquisas e discussões sobre esta temática estão ganhando cada vez mais espaço dentro das universidades, pois a qualidade do ensino está intimamente ligada a formação dos professores, e o fracasso escolar está também associado a atuação dos professores e sua formação deficitária, neste sentido, a formação docente ganha uma posição de destaque, onde o professor deve analisar as possibilidades de rever sua profissão e a própria prática pedagógica, suas escolhas precisam entrar em consonância com as novas demandas de nossa sociedade. O trabalho aqui apresentado está embasado por meio das leituras e reflexões sobre a bibliografia levantada acerca do tema.

Palavras-chave: Educação; Formação; Docente.

ABSTRACT

The aim of this article is to show how easy it is to see how life has changed, the speed of events and technological advances have changed the world stage. Education is no different. The roles of teachers and schools are also changing in order to meet these new needs. We are living in different times, neither better nor worse, just different. Research and discussions on this subject are gaining more and more ground within universities, because the quality of teaching is closely linked to teacher training, and school failure is also associated with the performance of teachers and their deficient training, in this sense, teacher training gains a prominent position, where the teacher must analyze the possibilities of reviewing his profession and his own pedagogical practice, his choices need to be in line with the new demands of our society. The work presented here is based on readings and reflections on the literature on the subject.

Keywords: Education; Training; Teachers.

INTRODUÇÃO

É fácil notar que a vida mudou e com ela algumas estruturas que a cercam, como a política, a economia ou estes fatores é que alteraram a vida. Mas de qualquer forma é facilmente visível que tudo a nossa volta está mudado, alguns paradigmas foram alterados e hoje são apenas coisas do passado e já não servem para muita coisa, perderam sua funcionalidade. E por que com a educação seria diferente? É lógico que a educação precisa acompanhar aquilo que a sociedade quer e espera dela.

Por essa razão, a escola está atravessando uma fase de reestruturação e buscando uma ressignificação dentro de nossa sociedade. Essas mudanças deverão se estender aos professores, pois eles necessitam passar pela mesma mudança, embora enfrentem dificuldades para tal, pois precisam mudar valores e conceitos nunca contestados.

Há uma crise na formação docente, arrastada por décadas, porém as soluções precisam chegar a curto prazo. O professor passa por uma dificuldade maior para mudar, porque já tem um capital cultural consolidado e romper com estas estruturas já estabelecidas, requer ajustar sua didática às novas necessidades. Por outro lado, a formação de professores precisa ser repensada e reestruturada como um todo, abrangendo as dimensões da formação inicial, da indução e da formação contínua.

Radicalizar o processo atendendo às expectativas de uma sociedade globalizada demanda um aprofundamento e uma reflexão de sua práxis, por isso é relevante abordar o tema formação de professores atualmente.

Por fim, nesse contexto, este artigo visa estudar a formação docente e sua adequação a era digital.

DESENVOLVIMENTO

Assim como o aluno, o professor é peça fundamental da quebra-cabeças que é a aprendizagem. Qualquer instituição educacional que pretenda abolir a participação do professor nesse jogo irá, sem sombra de dúvidas, ser eliminada da competição. Sem afeto e sem contato humano, as pessoas não se sentem humanas e deixam de gostar daquilo que fazem, perdendo o interesse, deixam de fazê-lo.

Não será preciso que ninguém faça nada contra essa instituição, pois ela caminhará sozinha para seu fim. A aprendizagem se constrói através das relações humanas. Desde os primórdios na Grécia antiga, já havia essas relações entre mestre e aprendiz, o conhecimento não se faz sozinho, é necessário que haja a circulação do conhecimento através de interações com o meio.

O professor deve fazer de sua aula um espaço de “trocas,” a forma diferente com que as informações são trabalhadas, atribuindo-lhes um significado, impregnando-as de uma contextualização com a vida e com o espaço no qual o aluno se insere” (ANTUNES, 2001, p. 21) estabelecendo relações entre o cotidiano do aluno com o conteúdo, contando com a participação dos educandos neste processo de interação.

Profissionalismo significa compromisso com um projeto democrático, participação na construção coletiva do projeto pedagógico, dedicação ao trabalho de ensinar a todos, domínio da matéria e dos métodos de ensino, respeito à cultura dos alunos, assiduidade, preparação de aulas etc. (LIBÂNEO, 1998, p. 90)

O parágrafo acima fala de um professor que não existia no início do século passado, quando dar aula era mais um sacerdócio do que uma profissão, onde não se estabelecia uma relação próxima ao aluno.

“Todas e todos que atuamos em educação, porque lidamos com formação e informação, trabalhamos com o conhecimento.” (Cortella, 2002, p.21). Se todo educador tivesse a consciência de que ele lida com o conhecimento de toda forma, sua atuação seria mais eficaz e seus alunos teriam muito mais interesse em escutar, em falar e em aprender a se informar. Está nas mãos do

educador, estimular este educando e através de suas práticas fazer com que ele sinta prazer em estudar e em conhecer o que o mundo lhe apresenta.

“É necessária uma atenção extremada quanto ao modo como o conhecimento científico se apresenta ao senso comum no cotidiano das pessoas...”(Cortella, 2000, p.86)

E isso me faz pensar que tipo de formação tem o nosso professor brasileiro? Será que ele é realmente preparado para enfrentar as salas de aula do mundo contemporâneo? Será que tem consciência do tipo de aula que realmente precisa dar para seus alunos? Será que os cursos universitários estão realmente preparados para formar educadores? Ou será que as faculdades continuam tecnicistas? Será que elas estão pensando na humanização do ensino ou no “ENADE”? “(...) o curso de Pedagogia teria um conteúdo próprio e exclusivo que pudesse justificar sua existência?” (SILVA, 1999, p.63)

Parecem estar bastante claras, pelo menos para quem está envolvido com educação, as respostas das perguntas acima. Parte dos professores brasileiros não estão preparados para a sala de aula.

Não podemos dizer que o curso de Pedagogia tenha uma razão certa de existir, muitos ainda nem sabem se o curso dará direito a dar aula para Educação Infantil e Ensino Fundamental (1ª a 4ª série), ou se teremos de voltar futuramente para as cadeiras de um novo curso superior.

O próprio MEC já reformulou a duração dos cursos de Pedagogia, pois percebeu que três anos é pouco para se formar um professor com embasamento teórico e conhecimento das metodologias

Por várias vezes na imprensa vinculam matérias afirmando que a profissão de professor é a profissão do futuro, é aí que está o problema, enquanto aparecerem este tipo de abordagens e não entenderem que a profissão do professor é a profissão do agora, sempre ficarão idealizando algo que não está ao alcance. Precisa haver uma mobilização para que este paradigma seja quebrado de vez. O futuro começa ser construído no presente.

O profissional do futuro é aquele que responde às exigências do nosso tempo. É preciso mais do que transmitir informações, mas possibilitar aos educandos reflexão crítica. A escola gradeada e inflexível precisa ser superada. Um currículo centrado na diversidade cultural, em uma ética planetária, é um desafio. (FASANO, 2011, p.13.)

Não que o Ensino Superior seja ruim, porém precisa ser revisto com novos olhos e não deixar de fora o jovem estudante que tem muitas ideias, mas não o deixam falar, pois o jovem no Brasil nunca é levado a sério.

Resta agora intensificar as investigações a respeito desse tema que, na verdade, não é novo ou pelo menos tentar estudar as causas de não se ter conseguido até o momento, a despeito de trabalhos publicados sobre o assunto, encontrar respostas a questão da identidade do curso de Pedagogia no Brasil. (SILVA, 1999, p.95)

Vivemos hoje em uma época de profunda transformação de valores, numa sociedade “perdida” em seus valores em busca de uma nova forma de vida. Por ser novo, torna-se difícil estabelecer parâmetros imediatos.

Se há bem poucos anos tínhamos a segurança das regras da família e da sociedade, tudo de certa forma mais organizado, hoje com a liberdade proclamada, sem a determinação de regras concretas caminha-se por tentativas e erros.

Não há por que ser saudosista e tentar defender ou propor a volta do antigo modelo. Não mais se faz possível, uma vez que a sociedade é outra, o momento é outro, as situações mudaram e a tecnologia revolucionou o mundo.

Envolta nesse contexto aparece a educação, mais propriamente a interação professor-aluno na sala de aula. Se os valores mudaram na sociedade, esses valores foram trazidos para a escola pelos membros dessa sociedade: alunos, professores, funcionários, outros.

Em se tratando do professor, algumas alterações na postura estão evidenciadas. Muitos chegam à sala de aula mais parecendo alunos do que professores, achando que se estiverem se igualando aos alunos ficará mais fácil lecionar, farão parte da “turma”. Ledo engano: “é urgente construir novas normas e procedimentos, formas internas de conduta, reinvenção de princípios de relações interpessoais” (ANTUNES, 2001,p 73). Professor e alunos podem e devem ser próximos, porém cada qual com o seu papel, pois a falta de hierarquia gera como consequência uma desorganização dos trabalhos. Os alunos pedem por limites, uma diretriz, pois em suas casas por muitas vezes já não se tem mais.

Estando os alunos na infância ou na adolescência precisam de regras bem estabelecidas para que o processo de ensino – aprendizagem seja levado a efeito; “é evidente que o professor é uma autoridade e necessita exercer esse ofício em aula, mas se o faz com abuso de poder, mesmo que pequenos e específicos, a alguns está fomentando o desrespeito e instigando a violência” (Antunes, 2001, p 75 e 76).

Os alunos precisam dessas regras para aprender a se portar em grupo , considerando os limites de cada um e reconhecendo os próprios limites, só assim a escola estará pronta para formar um cidadão autônomo.

Somos seres sociais e um princípio fundamental a ser trabalhado pelo professor é desenvolver trabalhos em grupos. “O melhor lazer se faz com os amigos, não acontece a atividade produtiva rentável se não estruturada em grupos, não existe esperanças em um hospital sem a ação conjunta das pessoas que juntas se empenham” (ANTUNES, 2001, p. 59)

O professor deverá ser, portanto, o grande orientador, o coordenador que levará o grupo ao melhor produto possível, à melhor aprendizagem possível.

A base deste processo está na coerência, principalmente quando se pensa na formação do aluno. A dimensão de si e do outro se desenvolvem com parcerias, mas é o professor que deverá conduzir com firmeza transferindo segurança a seu aluno.

A hierarquia jamais deverá ser esquecida, é necessária para que o grupo possa trabalhar com segurança, objetividade e qualidade. Ser líder é deixar claro que a hierarquia existe, não significa de forma alguma que o professor deverá ser um déspota, muito pelo contrário, justamente por ser líder deverá acima de tudo SER, muito humano, como na sua essência.

Se o professor não acredita no que faz, como quer que o aluno se interesse? Estar entusiasmado com o que vai ser realizado, acreditar na importância do conteúdo e na forma como esse conteúdo vai ser operacionalizado, tem significado, é o processo de ensino-aprendizagem, vivido em plenitude, levando o conhecimento e proporcionando ao aluno melhor qualidade de vida, isso é desfrutar do conhecimento adquirido.

Para a sociedade atual os valores têm pouquíssimo ou nenhum significado. Tudo está invertido. Está na hora de resgatar alguns fatores fundamentais do comportamento humano, de privilegiar o ser, de respeitar mais as pessoas, de valorizar mais o ser humano buscando assim a própria valorização. O professor é referência, modelo. A postura perante a vida, perante o outro, tudo isso pesa na postura deste professor em sala de aula e irar nortear como estas relações serão constituídas.

Construir parâmetros para o futuro, ensinar a ser, e essencialmente ser é a conquista, é o desafio para quem quiser realmente **ser professor**.

O professor precisa ter clareza de seu papel enquanto educador e valorizar sua atuação no processo educativo, melhorando sua forma de atuar, se modernizar, ganhar mais vida, mais cor, mais sabor, para que os alunos de hoje sintam prazer de estar aprendendo e valorizem esta aprendizagem, mais que um facilitador da aprendizagem, o professor é o porto seguro onde os alunos podem encontrar, não as respostas para suas dúvidas, mas alguém que os façam pensar e orientar para melhor chegar a uma resposta que verdadeiramente faça sentido. "Não há reforma educacional, não há proposta pedagógica sem professor, já que são os profissionais mais diretamente envolvidos com o processo e resultados da aprendizagem escolar". (Libâneo, 1998, p. 7).

Sem o professor não haveria vínculo afetivo entre a aprendizagem e o conhecimento, sem afeto não se consegue bons resultados. "Têm sido frequentes afirmações de que a professor está fora de moda, de que ela perdeu seu lugar numa sociedade repleta de meios de comunicações e informação." (Libâneo, 1998, p. 13)

O papel do professor vem mudando ao longo do tempo e a cada dia ganha novas exigências e mais responsabilidades. Sua atividade não se reduz mais à área cognitiva, ele deve ter um novo olhar sobre este aluno abrangendo questões de cunho afetivo, social, psicológico, educação sexual etc. A relação professor-aluno está cada vez mais ligada a questões afetivas, a construção deste vínculo é de extrema importância para um processo de ensino aprendizagem de sucesso.

Educar por competências, “ aprender a conhecer. Isto é adquirir as competências para a compreensão, incluindo o domínio dos próprios instrumentos do conhecimento” (Antunes, 2001, p 13) é a nova configuração que coloca o acúmulo de conhecimentos em segundo plano, cabendo ao professor valorizar outros aspectos.

O professor precisa auxiliar seu aluno a organizar os recursos disponíveis na resolução de problemas, não apenas valorizar o conhecimento como fator isolado e saber trabalhar com ferramentas que auxiliam os alunos e o próprio docente no processo da aprendizagem. “um aluno competente é aquele que enfrenta os desafios de seu tempo usando saberes que aprendeu e empregando, em todos os campos de sua ação, as habilidades antes aprendidas em sala de aula” (Antunes, 2001, p. 18).

A formação continuada se faz cada vez mais necessária, sendo um fator determinante no sucesso profissional, não só do profissional da área da educação como também nas outras áreas. No Brasil a cultura do professor pesquisador ainda é recente e quebrar estes paradigmas é um dos grandes desafios, pois o professor até então tinha a função de reproduzidor do conhecimento.

Seria de especial relevância a criação no ISE do Centro de Apoio à Formação Continuada de Professores, com as funções já mencionadas de oferecer aos professores da rede pública de ensino e às escolas-campo de estágios, cursos e recursos materiais de apoio à docência: biblioteca, centro de documentação, jornais, fitas de vídeo, oficinas e ateliês, material de esportes e lazer, salas para vídeo, cinema, palestras, exposições, aparelhagens de som e imagem, computadores, rede Internet etc. (Libâneo, 1998, p. 100)

Integrar a formação teórica à prática é essencial, pois o professor pesquisador tem a oportunidade de observar problemas reais, encontrando em conjunto com outros professores as soluções dos problemas com o auxílio da teoria. O professor não está sozinho no trabalho escolar, ele conta com o auxílio de inúmeras ferramentas para apoiá-lo. “Escolher e modular as atividades de aprendizagem é uma competência profissional essencial, que supõe não apenas um bom conhecimento dos mecanismos gerais de desenvolvimento e de aprendizagens, mas também das didáticas das disciplinas” (PERRENOUD apud ANTUNES, 2001, p. 46).

Cada vez mais o professor tem de ter capacidade de planejar e resolver problemas, pois a facilidade de acesso aos meios de comunicação favoreceu a aparecimento de conflitos e estes ganharam cada vez mais notoriedade na sociedade atual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos o século XX com a lenta mudança do modelo agrário – exportador, o advento da burguesia industrial urbana e as constantes solicitações de aumentar a oferta de ensino. Entre os anos 1950 e 1980, o país urbaniza-se e avança em vários aspectos sociais e econômicos.

O triunfo de se tornar um dos países mais ricos, no entanto, contrasta com o fato de ser recordista em concentração de renda, com efeitos sociais perversos: conflitos com os sem-terra, sem-teto, a infância abandonada, violência o avanço alucinado das drogas entre a juventude.

Persiste na Educação (e na saúde) uma grande defasagem entre o Brasil e os países desenvolvidos, porque até agora as políticas públicas não atenderam a toda a parcela da população, avançamos em permanência na escola, porém em qualidade ainda temos muito que caminhar.

No campo educacional, é grande a valorização dos estudos pedagógicos. Nas últimas três décadas, em vários estados brasileiros educadores tentam implantar projetos inovadores. Acrescentam-se os núcleos de estudos e pesquisas, fecundando uma geração de educadores capazes inclusive de elaborar teorias adequadas à realidade brasileira.

Se faz necessário destacar a importância de continuar exigindo do Estado o cumprimento de suas obrigações (afinal, a Constituição diz que a educação é um direito de todos). Mas ainda, é preciso que nós mesmos atuemos de forma coerente e intencional, a fim de reverter este triste quadro.

Ademais, a formação continuada se faz cada vez mais necessária, sendo um fator determinante no sucesso profissional, não só do profissional da área da educação como também nas outras áreas. No Brasil a cultura do professor pesquisador ainda é recente e quebrar estes paradigmas é um dos grandes desafios, pois o professor até então tinha a função de reprodutor do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. Como **desenvolver as competências em sala de aula**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

CORTELLA, M. S. **A escola e o conhecimento**: fundamentos epistemológicos e políticos. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

FASANO, E. **Profissão do futuro depende do professor**. Diário do Grande ABC, Santo André, 28 de setembro de 2011. Entrevista concedida a Camila Galvez

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido** 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

LIBÂNIO, J. C. **Adeus professor, adeus professora?** novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 1998.

LIMA, E. F. et al. **Sobrevivendo ao início da carreira docente e permanecendo nela. Como? Por quê?** O que dizem alguns estudos, Educação & Linguagem ano 10 nº15 269-283, jan-jun 2007.

NÓVOA, A. **Os professores e sua formação.** Lisboa: Dom Quixote, 1992^a.

_____. **Profissão Professor** Dom Quixote, Lisboa. Lisboa: Dom Quixote, 1992^b.

ROMANELLI, O. de O. **História da Educação no Brasil.** 22. ed Petrópolis, Rj. Vozes, 1999.

SILVA, C. S. B. da. **Curso de Pedagogia no Brasil:** história e identidade. São Paulo: Autores Associados, 1999.